

**Por baixo da calça do homem agora e antigamente:  
designações e relações sociotemporais em dados de falantes da  
região Sul no *corpus* do Projeto ALiB.**

*Underneath the men's pants now and in the past: designations and social-temporal relationships in Brazilians speakers data from South region of Brazil in the corpus of the ALiB Project.*

Maria Bethânia Gomes PAES\*  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Marcela Moura Torres PAIM\*\*  
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife (UFRPE)

**RESUMO:** Considerando-se os preceitos teórico-metodológicos da Dialetoлогия, Sociolinguística e Linguística Cognitiva, este artigo objetiva compreender fenômenos da língua, tomando o uso linguístico atrelado ao perfil dos falantes da região Sul do Brasil circunscritos no corpus do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Para tanto, após considerações sobre língua, léxico e sociedade e a importância do ALiB na descrição do português falado brasileiro, foram elencadas as denominações para vestuário íntimo masculino indicadas por falantes dos 44 pontos do referido território, as quais são provenientes de respostas dos informantes da pesquisa à questão 189 do Questionário Semântico- Lexical. Seguiu-se com a análise dos dados tomando-se a faixa etária dos informantes, bem como a ordem das respostas por eles apresentadas, o que, em linhas gerais, revelou, além da diversidade lexical do português falado no Brasil, o fator tempo como categorizador das designações relacionadas à roupa que o homem usa debaixo da calça.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialetoлогия; Variação; Léxico.

---

\* Doutoranda em Língua e Cultura no Programa de Pós Graduação em Língua e Cultura- PPGLinC, Departamento de Letras- Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: [bethapaes@yahoo.com.br](mailto:bethapaes@yahoo.com.br)

\*\* Doutorado em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Bahia. Professora Doutora na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: [marcela.paim@ufrpe.br](mailto:marcela.paim@ufrpe.br)

**ABSTRACT:** Based on the theoretical-methodological precepts of Dialectology, Sociolinguistics and Cognitive Linguistics, this article aims to understand language, considering the linguistic use linked to the profile of speakers from the southern of Brazil circumscribed in the *corpus* of the Linguistic Atlas Project of Brazil. Therefore, after considerations about language, lexicon and society and the importance of the Linguistic Atlas in the description of spoken Brazilian Portuguese, the names for men's underwear indicated by speakers of the 44 points of the referred territory were listed, which come from the answers of survey interviewees to question 189 of the Semantic-Lexical Questionnaire. This was followed by data analysis considering the age group of the informants, as well as the order of the answers presented by them, which, in general terms, revealed, besides the lexical diversity of Portuguese spoken in Brazil, the time factor as a categorizer of the designations related to the men's underwear.

**KEYWORDS:** Dialectology; Variation; Lexicon.

## Introdução

Realizar um estudo da língua considerando a esfera social significa ter acesso a várias situações em que a variação linguística, condicionada aos diferentes contextos socioculturais e aspectos formais da língua, figura como traço inerente à atividade comunicativa dos indivíduos. É por meio da língua que os sujeitos expressam pensamentos e ideias que refletem aspectos da cultura da comunidade em que está inserido. É o uso cotidiano que os falantes fazem da língua nos diversos contextos situacionais que vivenciam que permite a eles utilizá-la e modificá-la, imprimindo na língua traços geracionais, geográficos, estilísticos, entre outros, no(s) meio(s) em que circula(m) ao longo da vida. A individualidade e as experiências coletivas dos falantes, portanto, podem ser percebidas na língua que utilizam. Isso fez surgir, no interior de uma mesma língua, as variações que, segundo Dubois (2006):

são igualmente importantes, sincronicamente falando: para os níveis de língua, fala-se de língua familiar, elevada, técnica, erudita, popular, própria a certas classes sociais, a certos subgrupos (família, grupos profissionais); nesta categoria colocam-se os diferentes tipos de gíria; para as variações geográficas, fala-se de dialetos e de patoás. (DUBOIS, 2006, p. 378).

As mudanças pelas quais passam as línguas, porém, não implicam a perda de seu caráter sistêmico, de modo que continuam organizadas, disponibilizando aos falantes os recursos necessários para a circulação de significados, favorecendo, pois, a principal função da língua, nas palavras de Oliveira e Isquierdo (1998, p. 24): a de ser mecanismo de comunicação e interação social. A não uniformidade da língua se deve ao comportamento dinâmico que caracteriza as relações sociais do homem. Em uma perspectiva de sistema, é marcada pela abstração; tomada como substância, concretiza-se nos atos de fala, de onde provém sua diversidade. A esse respeito, Coseriu (1979) afirma que:

[...] a língua que não muda é a língua abstrata (que, entretanto, não é irreal: a diferença entre concreto e abstrato não deve ser confundida com uma outra, entre real e irreal). Nunca se viu uma gramática que se modificasse por si mesma, nem um dicionário que se enriquecesse por sua própria conta. E livre dos chamados “fatores externos” só o está a língua abstrata, consignada numa gramática e num dicionário. A língua que muda é a língua real em seu existir concreto. Mas esta língua não pode ser isolada dos “fatores externos” – isto é, de tudo aquilo que constitui a fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos falantes –, pois ela só se realiza no falar. (COSERIU, 1979, p. 19)

Compreende-se, pois, a língua como um conjunto articulado de processos, destacando-se seu caráter dinâmico de funcionamento, conforme Castilho (2010, p. 31). Considerando a teoria multissistêmica da língua, de forte conteúdo funcionalista-cognitivista, o linguista afirma que as atividades mentais dos falantes revelam quatro sistemas linguísticos: o léxico, a semântica, o discurso e a gramática.

Quanto ao termo léxico, este pode ser entendido como “um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados”, segundo Basílio (2017, p. 9). Para Biderman (1996), o léxico de uma língua natural é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana. Está associado ao conhecimento, e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato linguístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras - os signos linguísticos. É um equívoco, portanto, a definição de léxico como sendo apenas um conjunto definido de palavras, uma vez que consiste em um campo marcado pela dinamicidade característica da língua e, por conseguinte, de seus falantes, os quais estão

imersos em comunidades sujeitas às mais diversas interferências advindas das transformações sociais, culturais e econômicas em diferentes espaços e tempos. Este caráter dinâmico da língua é o que faz do léxico uma fonte importante de estudos para a documentação da variação nas diversas línguas existentes no mundo, além de ser lugar de que carrega consigo traços da história e da cultura de um povo.

A ação de nomear, portanto, abrange o componente cultural da língua, já que designar um objeto por meio do nome significa confirmar sua existência em uma comunidade. O processo de geração do léxico é compreendido por Biderman (1987, p. 81) como fruto de ações contínuas de cognição da realidade e de categorização da experiência do homem com o mundo, ações essas materializadas em signos linguísticos, as palavras.

Por isso, é coerente afirmar que a investigação do Português Brasileiro – PB, considerando o nível lexical da língua, é uma atividade imprescindível para a sistematização do comportamento linguístico dos indivíduos, por se referir esse nível a um “conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor etc.”, conforme Dubois et al., (2006, p. 364); logo, o léxico, irremediavelmente, porta em si a experiência social do falante. Tomar o campo lexical para análises linguísticas também favorece o conhecimento e a manutenção de parte da memória sócio-histórica e linguístico cultural da comunidade, como assinala Paim (2012), além do registro e da sistematização da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil, confirmando sua relevância para os estudos geossociolinguísticos.

## **1 O Projeto ALiB e os estudos do léxico**

Um Projeto de caráter nacional, o Atlas Linguístico do Brasil – ALiB – dedica-se ao estudo da língua com o objetivo de sistematizar os comportamentos observados no Brasil em um atlas geral a partir da descrição da realidade do português falado em território brasileiro. O destaque das diferenças diatópicas, diastráticas, diassexuais e diageracionais, em uma perspectiva da Dialectologia Pluridimensional, é a base dos estudos feitos no domínio desse Projeto, considerando os diferentes níveis de análise da língua. Como produto desta ação de pesquisa, cujo alvo é o PB, é possível ter a percepção

de “diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.” (CARDOSO, 2010, p. 170), a partir do estabelecimento de isoglossas que possibilitem demarcar a divisão dialetal em território brasileiro.

Cardoso (2010) indica quatro grandes objetivos do Projeto ALiB, a saber:

(i) a descrição da realidade espacial e, conseqüentemente, a busca de definição de áreas dialetais demarcáveis através de isoglossas; (ii) o fornecimento de dados que possam contribuir para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna; (iii) a indicação de caminhos que explicitem a interface entre os estudos geolinguísticos e os demais ramos do conhecimento, sobretudo trazendo elementos da língua que possam aclarar questões de outra ordem do saber cientificamente organizado; (iv) por fim, não em último lugar, o reconhecimento, ou melhor, a apresentação do português brasileiro como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica . (CARDOSO, 2010, p. 170-171)

O *corpus* do ALiB é formado por entrevistas de indivíduos com os níveis de escolaridade fundamental e universitário, situados em 25 capitais do país (Palmas, parte do estado de Tocantins e Brasília, Distrito Federal foram localidades excluídas da rede de pontos devido a questões metodológicas, por serem recém-criadas na ocasião da pesquisa), sendo que os demais pontos da rede contribuíram com os dados de informantes do nível fundamental; tem como meta o mapeamento linguístico brasileiro, partindo dos dados coletados *in loco* em 250 pontos, que representam todas as regiões brasileiras, junto a 1.100 informantes dos dois sexos, igualmente distribuídos em duas faixas etárias – 18 a 30 anos (faixa etária I) e 50 a 60 anos (faixa etária II). Por esse alcance considerável de coleta de dados no território brasileiro, proveniente de falantes de perfil variado, o Projeto ALiB configura-se como uma importante fonte de pesquisa e compreensão dos fenômenos linguísticos e sociais que atuam na formação/transformação do PB, explicitando o caráter heterogêneo e dinâmico próprio das línguas vivas presentes no mundo. A respeito do ALiB, Razky (2013) menciona:

O projeto ALiB corrobora toda uma história de estudos dialetológicos voltados para o registro, entre outros, da variação lexical. Trata-se de um marco divisório entre estudos dialetológicos voltados para metodologias que focalizavam o espaço rural e estudos voltados para o contínuo ruralurbano em razão das mudanças sociopolíticas e econômicas. Os estudos do léxico têm se beneficiado desse passo importante na história da dialetologia brasileira. (RAZKY, Abdelhak, 2013, p.250)

Os questionários linguísticos para a coleta de dados e, conseqüente, constituição de *corpora* são os instrumentos de coleta de dados utilizados pelas pesquisas geolinguísticas. Quanto aos questionários utilizados pelo Projeto ALiB, apesar do caráter geolinguístico, foram feitas algumas adaptações nos moldes desses instrumentos de captação de material linguístico utilizados para a constituição de um *corpus* representativo da variação dialetal no PB, uma vez que a equipe de pesquisadores participante do referido projeto organizou os questionários considerando os diferentes níveis de estudo da língua. Foram constituídos, portanto, o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), que também contempla questões de caráter prosódico, além do Questionário Semântico-Lexical (QSL) e do Questionário Morfossintático (QMS). Ainda como parte dos questionários do ALiB, há questões de natureza metalinguística, pragmática, temas para a compreensão de estudo semidirigido e texto para leitura.

O QSL, do qual faz parte a questões de pesquisa considerada no presente trabalho, é formado por 202 questões organizadas em 14 áreas semânticas, criadas com o objetivo de propiciar o registro dos itens lexicais mais acessíveis aos falantes de diferentes áreas dialetais. São áreas semânticas que compõem o QSL: acidentes geográficos, com 06 questões; fenômenos atmosféricos, com 15 questões; astros e tempo, com 17 questões; atividades agropastoris, com 25 questões; fauna, com 25 questões; corpo humano, com 32 questões; ciclos da vida, com 15 questões; convívio e comportamento social, com 11 questões; religião e crenças, com 08 questões; jogos e diversões infantis, com 13 questões; habitação, com 08 questões; alimentação e cozinha, com 12 questões; vestuários e acessórios, com 06 questões; vida urbana, com 09 questões.

Serão apresentadas, em seguida, dados, análises e reflexões linguísticas desenvolvidas a partir da perspectiva dos estudos semântico-lexicais ponderados no Projeto ALiB, a fim de compreender fenômenos característicos da língua, tomando-se o uso linguístico atrelado ao perfil dos falantes de territórios delimitados. Para tanto, o presente estudo propõe a análise das designações referentes a roupa que o homem usa debaixo da calça no repertório linguístico de informantes da faixa etária I (18-30 anos) e da faixa etária II (50- 60 anos) do QSL- Projeto ALiB, no campo temático vestuário e acessórios, com vistas a averiguar a seleção lexical dos informantes das duas faixas etárias supracitadas no sul brasileiro, além de fatores sociais que influenciam e/ou explicam o comportamento linguístico dos participantes envolvidos.

## 2 Procedimentos metodológicos

A amostra constituída para esta pesquisa considera os dados provenientes das respostas de 188 informantes da região Sul do Brasil à questão 189 - “Qual a roupa que o homem usa debaixo da calça?” - do QSL- ALiB, que constam no Questionário do ALiB 2001 (COMITÊ ..., 2001, p.37). Observando-se a metodologia utilizada em todo o *corpus* do Projeto ALiB, são considerados quatro falantes por localidade, quando se trata de cidades do interior, e oito falantes por localidade, quando são consideradas as capitais dos estados, já que, além de informantes com o nível fundamental de escolaridade, nas capitais também foram considerados informantes com nível universitário de estudo. Os participantes da pesquisa são organizados por faixa etária, sexo e escolaridade, variáveis sociais controladas pelo Projeto ALiB, respeitando os critérios sociais adotados pelo Projeto, mencionados anteriormente. Neste trabalho, porém, foi feita uma análise considerando apenas a variável faixa etária dentre as contempladas no ALiB.

Assim, foram analisados os registros das gravações de informantes distribuídos em pontos do Projeto ALiB situados em três estados da região Sul, com 188 participantes ao todo, como detalhado no quadro a seguir:

**Quadro 1: Pontos do Projeto ALiB situados na região Sul**

<b>Estado</b>	<b>Nº de Pontos</b>	<b>Quantidade de informantes</b>
Paraná	17 pontos	72 informantes
Santa Catarina	10 pontos	44 informantes
Rio Grande do Sul	17 pontos	72 informantes

Fonte: elaborado pelas autoras.

O método qualitativo e quantitativo foi adotado na pesquisa, pois, além do número de lexias encontradas, considerou-se o falante em suas relações sociais, averiguando-se, assim, a variação e a constituição lexical, segundo as variáveis diatópica e diageracional. O estudo, portanto, considera os pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia

Pluridimensional atrelados ao método de análise das variáveis estudadas pela Sociolinguística, bem como pressupostos da Linguística Cognitiva.

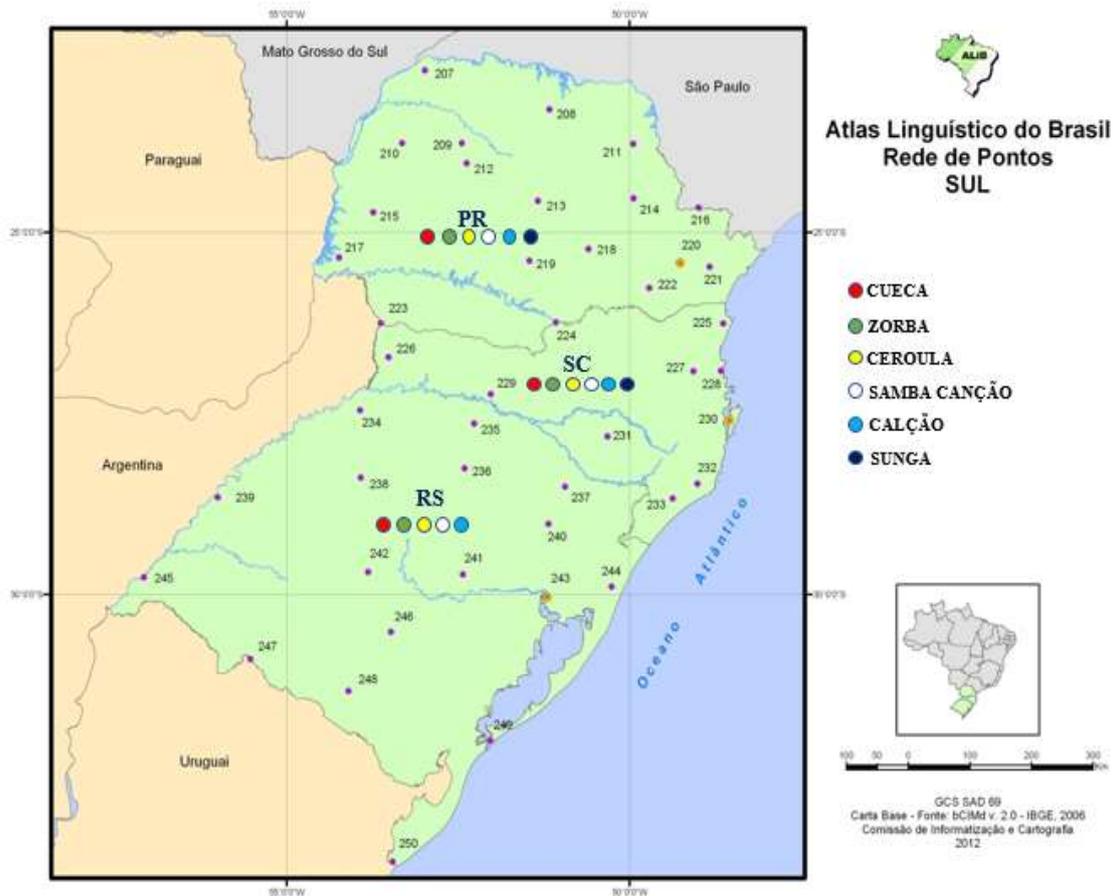
### **3 Análise dos dados**

A questão 189 do QSL- ALiB expôs 06 diferentes lexias nos 44 pontos que compõem o *corpus* do ALiB referente à região Sul do Brasil: cueca (cuecão, cuecona), zorba, ceroula, samba canção, calção e sunga. Trata-se de lexias simples, à exceção da lexia composta samba canção, observando-se apenas variações das designações registradas quanto ao grau do substantivo, em alguns casos. Portanto, em um universo de 188 inquéritos que compõem os dados na região Sul, foram computadas 275 ocorrências como resposta à referida questão, destacando-se que alguns falantes informavam até três designações ao serem questionados sobre a vestimenta que o homem usa por baixo da calça neste território brasileiro.

#### ***3.1 Os dados e as dimensões diatópica e diageracional***

A carta linguística apresentada a seguir foi formulada com base na distribuição diatópica das lexias referentes às denominações para roupa que o homem usa debaixo da calça na região Sul do Brasil.

**Figura 1: Carta linguística para denominações para roupa que o homem usa debaixo da calça: região Sul**



Respostas à Pergunta 189 do Questionário Semântico-Lexical (QSL)- Projeto ALiB  
Análise linguística: Maria Bethânia Gomes Paes

Na figura 1, nota-se que as variantes cueca, zorba, ceroula, samba canção e calção são registradas em todo território sul do Brasil, as quais, respectivamente, foram as mais recorrentes nos registros dos informantes sulistas. Apenas a lexia sunga não foi registrada em todos os estados da região Sul, não sendo citada por informante algum do estado do Rio Grande do Sul, sendo também a designação menos frequente nos dados dos informantes da região em questão.

A tabela 01 apresenta a frequência das lexias indicadas pelos informantes dos Projeto ALiB situados na região Sul para a pergunta 189: “Qual a roupa que o homem usa debaixo da calça?”.

**Tabela 01: Designações para roupa que o homem usa debaixo da calça na região Sul do Brasil.**

	Cueca	Zorba	Ceroula	Samba	samba canção	Calção	Sunga
Paraná	71	33	09	05	03	02	
Santa Catarina	41	16	05	03	01	02	
Rio Grande do Sul	71	07	04	01	01	--	
<b>TOTAL</b>	<b>183</b>	<b>56</b>	<b>18</b>	<b>09</b>	<b>05</b>	<b>04</b>	

Fonte: elaborado pelas autoras.

Os dados apresentados na tabela 1 demonstram que apenas a *lexia sunga* não foi registrada em todos os pontos analisados na região Sul, não sendo informada pelos falantes do Rio Grande do Sul. Dentre as *lexias* observadas na região, nota-se que o termo *cueca* é o mais recorrente entre os informantes do Projeto ALiB situados nesta região, correspondendo a 183 respostas (66,55%) de um total de 275 ocorrências atribuídas como resposta à pergunta 189 do QSL- Projeto ALiB. *Zorba* e *ceroula* aparecem em seguida em número de indicações, respectivamente com 56 (20,4%) e 18 (6,55%) registros como respostas à pergunta 189 do QSL- Projeto ALiB pelos informantes em questão.

As *lexias* *samba canção*, *calção* e *sunga* também foram designações apresentadas pelos informantes sulistas para roupa íntima masculina. A primeira delas totalizou nove registros (3,3%); a *lexia* *calção* totalizou cinco ocorrências (1,8%) na região; quanto à *lexia* *sunga*, foram computadas quatro (1,4%) ocorrências na região, não sendo registrada no estado do Rio Grande do Sul.

A seguir, tabela com a distribuição das ocorrências informadas por falantes no território sul do Brasil considerando a variável faixa etária dos informantes envolvidos na pesquisa desenvolvida pelo Projeto ALiB.

**Tabela 02: Distribuição diageracional das designações para roupa que o homem usa debaixo da calça na região Sul do Brasil.**

	Faixa etária I	Faixa etária II	Total de ocorrências por designação
Cueca	91	92	183

Zorba	27	29	56
Ceroula	03	15	18
Samba canção	05	04	09
Calção	01	04	05
Sunga	01	03	04
<b>Total de ocorrências</b>	<b>128</b>	<b>147</b>	<b>275</b>

Fonte: elaborado pelas autoras.

Do ponto de vista diageracional, observou-se o uso equilibrado da lexia cueca, a mais recorrente no território sulista, entre informantes de faixas etárias I (91 ocorrências) e II (92 ocorrências), de um total de 183 registros da designação nessa área. Portanto, em um universo de 188 inquéritos analisados nesta região, apenas em cinco deles não foi computada a lexia cueca: três falantes de faixa etária I, todos do sexo feminino e dois falantes da faixa etária II, todos do sexo masculino. Dentre os participantes da pesquisa da faixa etária I, tem-se uma informante paranaense do ponto 209- Terra Boa e duas informantes catarinenses, sendo uma delas do ponto 224- Porto União e outra do ponto 231- Lages.

Ainda considerando-se a faixa etária dos falantes que se referiram a roupa que o homem usa debaixo da calça, tomando-se agora *zorba*, a segunda lexia mais utilizada no sul brasileiro, notou-se um certo equilíbrio no uso de tal designação pelos indivíduos das duas faixas etárias consideradas nesta pesquisa, uma vez que os indivíduos de faixa etária I utilizaram um número ligeiramente menor da lexia *zorba* como referindo-se à roupa íntima masculina, totalizando-se 27 registros, enquanto os informantes de faixa etária II utilizaram tal termo em 29 respostas dadas à mesma questão.

Tomando-se o registro da lexia *ceroula*, a terceira mais recorrente entre os informantes da região em análise, em um total de 18 registros, percebe-se uma considerável preferência dos indivíduos de faixa etária II por este termo, sendo informado por 15 informantes sulistas da faixa etária II, enquanto apenas três falantes da faixa etária I indicaram *ceroula* como roupa que o homem usa embaixo da calça. Este cenário observado na região Sul, no que se refere ao uso da lexia *ceroula*, confirmou expectativas iniciais em relação ao comportamento dos falantes brasileiros, uma vez que se esperava

que esse termo seria mais comum na fala das pessoas de mais idade, já que não é presente, de forma recorrente, em propagandas, produções audiovisuais que retratem o comportamento da sociedade contemporânea e nas diversas observações feitas no cotidiano em relação à produção dessa designação para roupas íntimas.

Quanto às lexias *samba canção* e *calção*, sob o ponto de vista diageracional, tem-se o seguinte cenário: a primeira delas, em um universo de nove registros, totalizou cinco ocorrências ditas por falantes da faixa etária I e quatro ocorrências indicadas por informantes da faixa etária II, enquanto esperava-se uma maior produção desta designação por indivíduos da faixa etária II, pelas mesmas observações feitas em relação ao termo *ceroula* e as impressões quanto ao uso de tal lexia nas situações linguísticas apresentadas na atualidade; a lexia *calção*, em um total de cinco ocorrências, somou um registro feito por um sujeito pertencente ao grupo etário I e quatro registros atribuídos a informantes de faixa etária II.

No que se refere à lexia *sunga*, a designação menos utilizada na região Sul do Brasil entre as seis registradas no território, notou-se que indivíduos da faixa etária I utilizaram com menor frequência tal lexia em relação aos informantes do grupo etário II, registrando-se uma ocorrência entre os falantes que se enquadram no primeiro grupo etário e três falantes da faixa etária II, em um total de quatro registros na região.

### ***3.2 As relações temporais feitas pelo falante quanto ao uso das lexias.***

Nos inquéritos resultantes dos dados fornecidos por falantes sulistas, foram observadas impressões dos informantes considerando os fatores temporalidade e idade dos falantes como favorecedores do uso de determinadas lexias no presente ou passado, como observado nos trechos de inquéritos a seguir:

#### **Exemplo (1)**

INQ.: A roupa do homem que usa debaixo da calça, como é que o senhor chama?

INF.: Hoje é o que? É a zorba. Antigamente era a cueca. O caboclo mais antigo ainda falava *ceroula*. Só que é diferente, né. No caso, como era a *ceroula*, que eu lembro, não cheguei a usar, mas lembro. Então, daí, ela vem a ser quase que nem a bermuda hoje, só com um pano mais fino, né. Mas a *ceroula* vem a ser quase a

bermuda, comprida, assim e tal. Depois veio a cueca, ela é mais curta. E hoje tem a zorba, que é curtinha, né.

(Ponto 213- Cândido Abreu- PR, Homem, Faixa Etária II, Nível Fundamental)

### **Exemplo (2)**

INQ.: A roupa do homem que usa debaixo da calça, como é que o senhor chama?

INF.: *Cueca*.

INQ.: Tem outros nomes?

INF.: De primeiro era ceroula.

INQ.: Mas hoje...

INF.: Hoje usa é, hoje não é mais cueca nem... Hoje é zorba, né. Antigamente que era ceroula.

INQ.: E é a mesma coisa?

INF.: Não, ceroula é grande, bem grandona.

INQ.: E a cueca e a zorba, tem diferença?

INF.: Tem diferença também.

INQ.: Como?

INF.: Que a, cueca e zorba são quase igual, né. Mas tem uma que é menor, né. E outra é maior um pouquinho.

INQ.: Qual que é mais larga?

INF.: Mais larga eu acho que é a cueca.

(Ponto 210- Umarama- PR, Mulher, Faixa Etária II, Nível Fundamental)

### **Exemplo (3)**

INQ.: A roupa do homem que usa debaixo da calça, como é que o senhor chama?

INF.: *Cueca*.

INQ.: Tem outros nomes que eles dão?

INF.: *Cueca, samba canção, né, zorba. Agora é zorba, né, cueca. Antigamente era samba canção.*

(Ponto 218- Imbituva- PR, Mulher, Faixa Etária II, Nível Fundamental)

### **Exemplo (4)**

INQ.: A roupa do homem que usa debaixo da calça, como é que o senhor chama?

INF.: Tem duas palavra.

INQ.: Como é que é?

INF.: Tem a zorba, né, que fala. E tem a cueca.

INQ.: :: É a mesma coisa?

INF.: É a mesma coisa. Eu falo cueca que eu acho mais... É a mesma coisa.

INQ.: Aqui, assim, as pessoas falam os dois?

INF.: Espera que tem mais uma, dizer dos antigo: ceroula. É três. O pessoal fala mais cueca. Os antigo falava ceroula.

INQ.: Zorba, é, algumas pessoas?

INF.: Algumas pessoas. Eu mesma não falo, não gosto.

INQ.: E quem que cê ouve?

INF.: Minha mãe, minha sogra, minha mãe avó, minha vizinha, todo mundo fala zorba.

(Ponto 213- Cândido Abreu- PR, Mulher, Faixa Etária I, Nível Fundamental)

É possível observar nos exemplos apresentados a percepção de temporalidade dos informantes presentes em seus discursos, independente da faixa etária, indicando as designações referentes à vestimenta íntima masculina, mas destacando-as como variantes que se alternam de acordo com o passado e com o presente. Nos trechos explicitados, evidencia-se a relação que os informantes fazem entre léxico predominante no comportamento linguístico atual e aquele percebido em situações passadas, situando, portanto, os usos das lexias no tempo. Nos discurso (1) e (2), inicialmente, há uma determinação do uso de cueca e zorba pela variável faixa etária, sendo zorba, segundo os informantes paranaenses que forneceram tais dados, pertencentes ao grupo etário II considerado nesta pesquisa, uma denominação própria da fala indivíduos mais jovens; cueca como própria do discurso dos mais velhos; e ceroula sendo utilizada pelos falantes de ainda mais idade, “os caboclos mais antigos”, segundo o participante de Cândido de Abreu, no Paraná, em relação aos usuários do termo *cueca*. Ainda quanto aos exemplos (1) e (2), não é observada apenas uma associação da variável faixa etária ao uso das lexias ceroula, cueca e zorba, mas também uma referência ao uso costumeiro de uma ou outra em um determinado período da história. Assim, a dinamicidade que caracteriza a sociedade e, por conseguinte, a língua, em uma relação de interdependência é também observada nos trechos dos dois inquéritos supracitados, quando os informantes relacionam as lexias aos formatos da roupa que homens usam e usavam por baixo da calça ao longo do tempo. Observa-se, assim, a caracterização das vestes quanto ao

modelo/formato relacionada ao tempo em que existiam no ambiente por meio de um determinado nome, o qual era alterado, segundo os dados dos participantes da pesquisa, conforme mudava-se o tempo e, por conseguinte, o modelo da vestimenta íntima, seguindo-se o que é proposto pelo mercado da moda de cada época. O informante do inquérito (1), por exemplo, chega a delinear uma linha imaginária temporal situando as lexias que informou. Para ele, (i) os homens (caboclos) mais antigos usavam ceroula, cujo formato era mais comprido, semelhante à uma bermuda, mas de pano mais fino; (ii) depois veio a cueca, que é mais curta (iii) e hoje tem-se a zorba, ainda mais curtinha em relação à cueca. Esta mesma relação é feita pelo informante responsável pelos dados apresentados no exemplo (3), mas situando cueca e zorba como designações para roupa íntima masculina utilizadas em um período mais recente em relação à época em que foram realizadas as entrevistas, e samba canção como termo próprio para esse vestuário em um tempo pretérito. Tomando-se o exemplo (4), observa-se que a informante também situa o termo ceroula como próprio do falar de antigamente, entendendo que zorba e cueca são termos utilizados atualmente para referir-se à roupa que o homem usa por baixo da calça. No entanto, ela revela a percepção de haver variantes de um mesmo termo, ao informar que zorba e cueca são “a mesma coisa”, como que sinônimos, e que ela não gosta de usar o termo zorba, e sim cueca, ao contrário de seus familiares e conhecidos, que utilizam o termo cueca para roupa íntima masculina. Percebe-se, ainda, nos trechos destacados desses quatro inquéritos, passagens em que os informantes constroem uma linha do tempo a partir do uso das lexias, apresentando-as não como típicas do vocabulário de mais jovens ou mais velhos, mas como marcas de um *continuum* dos comportamentos linguísticos dos sujeitos ao longo do tempo. Tem-se assim ceroula -> cueca -> zorba; ceroula -> cueca/zorba; samba canção -> cueca/zorba. A partir dos trechos retirados de inquéritos formados por dados de participantes do Projeto ALiB, percebe-se, portanto, que a seleção lexical diageracional revela a consciência dos falantes em relação à variação lexical como algo atrelado a fatores sociais, nesse caso, e à faixa etária (jovens *versus* idosos), traços esses observados no comportamento linguístico dos falantes, funcionando o domínio tempo (presente *versus* passado) como um categorizador que marca o discurso dos sujeitos.

### *3.3 Aspectos cognitivos relacionados à frequência e às relações temporais feitas pelo falante quanto ao uso das lexias.*

A análise das designações informadas pelos participantes da pesquisa quanto à frequência também atrelada à ordem de apresentação das lexias mobiliza conceitos relacionados aos estudos linguístico-cognitivos como categorização e protótipo. A tabela a seguir apresenta a frequência das lexias por ordem de resposta à sentença que questionava os participantes sobre a roupa que o homem usa debaixo da calça.

**Tabela 03: Designações para roupa que o homem usa debaixo da calça na região Sul do Brasil por ordem de respostas**

	Primeira resposta	Segunda resposta	Terceira resposta	Total de ocorrências por designação
Cueca	165	17	01	183
Zorba	21	30	05	56
Ceroula	01	12	05	18
Samba canção	--	06	03	09
Calção	01	03	01	05
Sunga	01	03	--	01
<b>Total de ocorrências</b>	<b>108</b>	<b>12</b>	<b>01</b>	<b>122</b>

Fonte: elaborado pelas autoras.

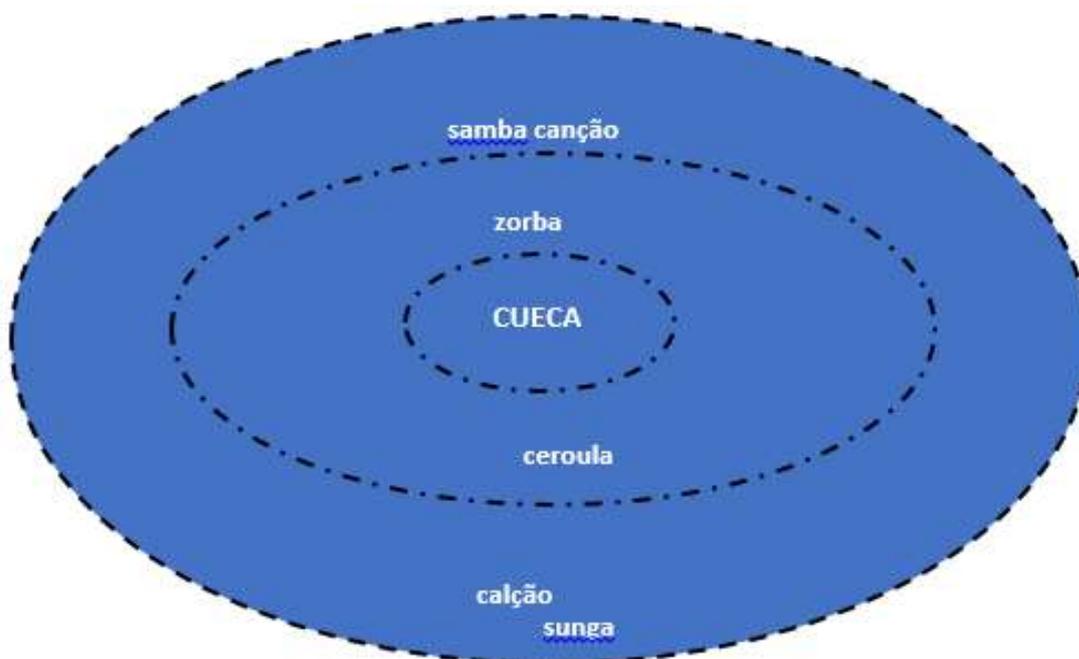
Voltando aos dados sistematizados nas tabelas referentes à frequência que aparecem em toda a pesquisa, bem como a ordem de apresentação das lexias pelos informantes, nota-se que a designação cueca é a mais utilizada pelos participantes da região Sul do Brasil, em todos os critérios elencados para análise das ocorrências, como resposta à questão 189 do QSL- ALiB. Esta constatação categoriza esta lexia como elemento prototípico ao se considerarem as designações para roupas íntimas que homens usam na parte inferior do corpo, por baixo da calça. A partir disso, é possível fazer a rede radial das lexias registradas para a pergunta em análise, na qual é possível esquematizar os termos utilizados pelos sujeitos participantes da pesquisa desenvolvida pelo Projeto

ALiB, visualizando-se as formas prototípica e periféricas relacionadas aos nomes atribuídos para roupas íntimas pelos falantes.

A partir das lexias elencadas nesta pesquisa considerando dados fornecidos pelos informantes sulistas como nomes da roupa que o homem usa por baixo da calça, construiu-se uma rede radial considerando a frequência que as designações foram citadas. A designação prototípica, ou seja, a mais recorrente nas respostas dos informantes para a questão considerada no presente estudo é alocada no raio central da rede. As demais lexias informadas para os questionamentos são distribuídas ao longo da rede, de forma que quanto maior a distância do raio central, maior o caráter periférico do termo.

Portanto, tem-se, a seguir, rede radial desenvolvida a partir das lexias informadas para roupas íntimas masculinas por sujeitos da região Sul do Brasil.

**Figura 2: Rede radial referente à roupa que o homem usa debaixo da calça: região Sul**



Fonte: elaborado pelas autoras.

Os dados apresentados até aqui justificam a posição das lexias zorba, ceroula, samba canção, calção e sungã na rede radial referente às designações dadas como resposta

à questão 189 QSL- ALiB, em torno do protótipo cueca. Zorba, ceroula e sunga aparecem logo após o termo prototípico em número de ocorrências, ressaltando-se que apenas a lexia sunga não aparece em todo o território sulista, não sendo informada por falantes gaúchos que participaram da pesquisa. Destaca-se que a lexia zorba não é dicionarizada, mas tem uso considerável pelos falantes, sendo a segunda designação em número de ocorrências, aparecendo em todos os pontos considerados da região Sul do Brasil, o que não ocorre com a lexia dicionarizada sunga, como informado anteriormente.

### **Considerações finais**

A análise dos dados explicitada ao longo deste artigo evidencia a lexia cueca como a mais recorrente nos pontos considerados na região Sul do Brasil como resposta à pergunta 189 do QSL- Projeto ALiB, sendo observada nos dados relacionados aos três estados sulistas os quais são parte de 188 inquéritos, em um universo de 275 ocorrências informadas como roupa que o homem usa debaixo da calça.

Além da lexia cueca foram observadas mais cinco designações nos dados analisados como referentes à vestimenta íntima masculina. São elas: zorba, ceroula, samba canção, calção e sunga, sendo que apenas esta última não figurou em todo o território Sul do Brasil, ausente nos dados do Rio Grande do Sul.

A designação zorba é a segunda em números absolutos de ocorrência, estando presente em todos os estados do território em questão, totalizando 56 citações em um total de 275 dados levantados como resposta à questão 189 do Projeto ALiB, número acima de lexias como ceroula, a qual foi registrada nos três estados considerados, mas somando apenas 18 registros. A presença da lexia zorba nos dados dos falantes sulistas envolvidos na pesquisa denota o uso da figura de linguagem metonímia, uma vez que essa designação corresponde a uma marca comercial conhecida, utilizada por alguns informantes para denominar o produto que ela comercializa, a roupa íntima masculina, o que pode ser compreendido como o uso do recurso da expressividade pelo falante para potencializar sua capacidade comunicativa.

A lexia samba canção totalizou nove ocorrências, sendo registrada por falantes de todo os estados da região Sul. As lexias calção e sunga foram utilizadas pelos informantes

da pesquisa quase que na mesma frequência quando comparadas entre si, havendo cinco registros de calção, enquanto sunga foi citada por quatro informantes, não sendo esta última observada nos inquéritos dos informantes gaúchos, como já destacado anteriormente.

Os dados também demonstram que os participantes da pesquisa, ao indicarem mais de uma designação para a roupa que o homem usa debaixo da calça, tendem a categorizá-las, considerando os fatores tempo e faixa etária como interdependentes, os quais atuam como determinantes do comportamento linguístico dos falantes. Reconhecem também como os comportamentos sociais influenciam no surgimento e prevalência de termos referentes a um mesmo item de geração em geração. Tais percepções evidenciam a consciência dos usuários da língua a respeito da variação linguística associada a diferentes componentes sociais. Diante disso, o estudo do *corpus* aqui considerado destaca o componente memória como importante elemento na composição e estabelecimento do patrimônio cultural coletivo, o que remete aos fatores tempo e vivência atrelados ao sujeito, sendo a língua o repositório e o canal de difusão e continuidade das experiências múltiplas de uma comunidade.

## REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3. ed., 3ª impressão. São Paulo: Contexto, 2017.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, dez. 1987. p. 81-96.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Revista Alfa**, São Paulo: Unesp, n.40, 1996. p. 27-46.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística**. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). **Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). **A ciência do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.

PAIM, Marcela Moura Torres. O Sutiã na Bahia: Um Estudo em Dois Tempos Diferentes. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**. Londrina, n. 15/1, p. 267-280, jun. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/11353>. Acesso em: 19 mai 2017.

RAZKY, Abdelhak. A dimensão sociodialetal do léxico no Atlas Linguístico do Brasil. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**. Londrina, n. 16/2, p. 247-270, dez. 2013.